

O Fila Brasileiro na literatura

∞ Referências ∞

Agarrar à força, prender, capturar. Segurar com os dentes a presa e não soltar. Açular.
Fila brasileiro. Cão de fila, de raça originária do Brasil, de forte musculatura, altura média em torno de 0,65 m, faro agudíssimo, cabeça grande, focinho forte, nariz largo e pêlo curto e macio, boieiro.
Aquele que o acompanha para todo o lado, a fim de proteger contra perigos eventuais. De guarda, cuja postura é quase sempre agressiva e perigosa, que, pela sua braveza, é utilizado como vigia pessoal e de propriedades.

Segundo o filólogo brasileiro e historiador José Pereira da Silva, que escreveu uma amostragem do estado atualizado do Dicionário Brasileiro de Fraseologia, as diferentes formas do discurso repetido da língua portuguesa ainda não foram organizados em coletâneas suficientemente amplas para que um pesquisador interessado possa obter um corpus representativo da literatura oral de nossa língua.

Entre os melhores trabalhos dedicados a estas facetas dos estudos da língua portuguesa no Brasil, podemos citar o Adagiário Brasileiro, de Leonardo Mota, que inclui exemplos equivalentes de diversas outras línguas modernas e clássicas, o Tesouro da Fraseologia Brasileira, de Antenor Nascentes, que inclui explicações sobre a origem de algumas das expressões, o Dicionário de Locuções da Língua Portuguesa, de Euclides Carneiro da Silva, que inclui uma excelente exemplificação do uso dessas locuções em obras literárias brasileiras e portuguesas, e o Novo Dicionário de Termos e Expressões Populares, de Tomé Cabral, talvez o mais volumoso trabalho impresso referente ao assunto, que inclui o significado e boa exemplificação do seu emprego em trabalhos de literatura popular brasileira, particularmente a rica nordestina, além de muitos outros, incluindo entre eles uma série de teses de doutorado e dissertações de mestrado que tratam de parcelas desse material.

Na verdade, mais de uma centena desses trabalhos teria de ser consultada para que um pesquisador pudesse obter um corpus significativo de suas diversas formas estruturais e de suas diversas variantes geográficas,

cronológicas, etc. A dificultar o trabalho existe o fato de que quase nenhuma biblioteca brasileira possui os seus documentos do acervo digitalizados, o que incrementaria sobremaneira o resultado pela enorme facilidade que traria para a pesquisa.

O que estamos tentando fazer provavelmente já tenha sido feito antes, mas por não trazer nenhuma evidência para o seu autor, visto não ser necessariamente enaltecido o trabalho de um pesquisador que se resume em fazer o levantamento de um corpus para que outros possam realizar estudos mais particulares e academicamente mais valorizados sobre a expressividade popular de uma raça canina, por isso mesmo os trabalhos anteriores não sejam conhecidos. Nunca tive a pretensão de um alcance maior que uma simples pesquisa superficial, seja por não possuir competência específica suficiente no assunto, seja por falta de tempo útil disponível e recursos, além de que o resultado não é visto como de muita utilidade no meio cinófilo. Talvez apenas para matar a mera curiosidade - uma das várias coisas que o Fila tem sido capaz de me incitar - sobre o tema e alimentar conversas entre os amigos fileiros sejam motivos suficientes para a empresa.

Não segreguei informações por tipo, fonte, época ou quaisquer formas de manifestação escrita ou oral, popular ou erudita, sequer pelas qualidades destas, encontrando assim desde prosa até poesias, romances e contos, passando por ditos populares, peças e cantigas. Já sabia de antemão que infelizmente o nosso genuíno Cão de Fila Brasileiro, boiadeiro mineiro, não foi amplamente utilizado como tema de obras de autores nacionais ou estrangeiros, como poderia. Ainda assim tinha esperança de achar mais citações e referências.

Uma curiosidade: nestas pesquisas literárias sobre o Fila, além do provérbio usado há bastante tempo, particularmente pela gente dos interiores, já conhecido por nós, “Fiel como um cão de fila”, encontrei outro, utilizado também pelos portugueses que diz: “É como cão-de-fila: não come e não deixa comer”. Resolvi agarrar, melhor dizendo, filar esse empreendimento, por vezes chato por causa do volume de buscas infrutíferas, por apreço ao Fila. Descrevo a seguir as poucas referências que encontrei até agora.

Virgulino Ferreira da Silva, o cangaceiro Lampião, ou “Flagelo do Sertão” nas palavras do The New York Times, quando deu espaço considerável à morte do cangaceiro - apesar desta ser contemporânea à 2ª Guerra Mundial -, durante sua famosa visita a Juazeiro do Norte, para onde se dirigira a convite do padre Cícero Romão, para integrar o Batalhão Patriótico no combate à coluna Prestes, foi entrevistado pelo médico de

Crato, dr. Octacílio Macêdo. Essa entrevista é considerada pelos historiadores como uma das peças fundamentais no estudo e no conhecimento do fenômeno do Cangaço nordestino. Relatou o dr. Octacílio: **“...Os outros facínoras observavam-nos, com um misto de simpatia e desconfiança. Ao lado, como um cão de fila, velava, não Corisco, mas o homem de então maior confiança de Lampião, Sabino Gomes, seu lugar-tenente, mal-encarado...”**;

Em site de coletâneas culturais, de prosas e versos, *usinadeletras.com.br*, “Amor Salgado”, de 09/09/2004, às 16:25h, por José J. Serpa: **“Ah, nunca mais me deixam vir à vila! Depois deste deboche... que loucura! E com aquela horrível criatura sempre a seguir-me como um cão de fila...”**. Também “A fila”, de 13/01/2004, às 09:19h, de Wilson Vilar Sampaio: **“...A fila agora era um predador, Um feroz cão de fila sedento Disposto a mutilar e causar dor, Àquelas pessoas sem alento...”**;

Joaquim José da França Junior, nascido no Rio de Janeiro em 19 de abril de 1838, uma quinta feira, e falecido em Poços de Caldas/MG em 27 de novembro de 1890, também em uma quinta feira. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, foi curador de órfãos no Rio, secretário do governo da Bahia e representante do Brasil na exposição de Viena, de 1873. Cultivou a pintura. Jornalista de relevo. Folhetinista e comediógrafo notável. Deixou um volume apreciadíssimo de folhetins. É celebre a comédia "As Doutoradas" que foi agregada ao Teatro Pridie Kalendas. Em determinado ato da peça, na fala da personagem Eulália: **“(...) Enquanto a senhora andava o dia inteiro no meio da rua acompanhando a menina por toda parte, eu ficava aqui a pé firme, como um verdadeiro cão de fila guardando-lhe a casa e a bolsa. A bolsa, sim senhora, porque se não fosse a Eulália dos Prazeres da Conceição de Maria, filha da Engrácia da Porcalhota e do Manuel Tibúrcio, que Deus haja, a senhora era depenada por toda essa súcia de criados que entravam numa semana com as mãos abanando e saíam na outra levando tudo quanto pilhavam.(...)”**;

Paula Beiguelman, no artigo político jornalístico “Os Ataques Neoliberais à Gestão Lessa”, de 5 de janeiro de 2005, escreveu: **“...Às observações acerca da demora na aprovação de projetos para a concessão de empréstimos, o presidente do Banco respondia que todas essas operações envolviam muito dinheiro — um dinheiro sagrado,**

pertencente ao trabalhador, e que ele, Lessa, administrava como ‘cão de fila’(...)”;

Extraído do site *impacto.org.br*, da Associação Brasileira de Pesquisa de Criação, em manifesto aberto debatido sobre as teorias evolucionista e criacionista (erroneamente consideradas contraditórias, diga-se de passagem), o autor não-identificado, co-responsável pela referida associação, coloca que **“(...) É, no mínimo curioso e intrigante, que o mesmo homem que defendeu com unhas e dentes a teoria da evolução no século passado, conhecido como o ‘cão de fila’ de Darwin, também tivesse dito as palavras acima registradas, e que fazem parte do livro Life and Letters, de Thomas Henry Huxley, p. 409, do vol. II, editado em 1903 pelo seu neto, o biólogo Julian Huxley. Esse depoimento nos revela a lucidez de raciocínio de Huxley e, por certo, confronta todos os que hoje se referem à evolução como fato cientificamente comprovado. (...)”;**

Murilo Mendes. “Poesias”, 1925/1955. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959 – **“(...) O Pão de Açúcar é um cão de fila todo especial, diferente. Um que nunca se lembra de latir pros inimigos que transpõem a barra, e às 10 horas apaga os olhos pra dormir. (...)”;**

Em “Obra Completa de Machado de Assis”, vol.II, Nova Aguillar, Rio de Janeiro/RJ, 1994, sobre a obra “Miss Dollar” do conceituadíssimo autor brasileiro de extensa biografia, Joaquim Maria Machado de Assis, cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, novelista, romancista, crítico e ensaísta, que nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839. Filho de um operário mestiço de negro e português, Francisco José de Assis, e de D. Maria Leopoldina Machado de Assis, aquele que viria a tornar-se talvez o maior escritor do país e um mestre da língua, perde a mãe muito cedo e é criado pela madrasta, Maria Inês, também mulata, que se dedica ao menino e o matricula na escola pública, única que freqüentará o autodidata Machado de Assis. De saúde frágil, epilético, gago, sabe-se pouco de sua infância e início da juventude. No final do terceiro capítulo da citada obra: **“(...) A coleção de cães era uma verdadeira galeria de homens ilustres. O mais estimado deles chamava-se Diógenes; havia um galgo que acudia ao nome de César; um cão d’água que se chamava Nelson; Cornélia chamava-se uma cadelinha rateira, e Calígula um enorme cão de fila, vera-efígie do grande monstro que a sociedade romana produziu. Quando se achava entre toda essa gente, ilustre por diferentes títulos,**

dizia Mendonça que entrava na história; era assim que se esquecia do resto do mundo. (...)”;

João Dornas Filho, em “Revista do Arquivo Municipal”, setembro de 1938, escreveu sobre a “Cantiga dos Capinadores de Rua em Belo Horizonte”: “...**Geralmente são cantigas populares que eles adaptam ao ritmo do trabalho, e não raro, reponta nelas a revolta contra o cão de fila do feitor, a quem chamam Caipapa, que lhes fiscaliza o serviço nem sempre feito com a desejada perfeição...**”;

Aluísio Azevedo, caricaturista, jornalista, romancista e diplomata, nasceu em São Luís, MA, em 14 de abril de 1857, e faleceu em Buenos Aires, Argentina, em 21 de janeiro de 1913. É o fundador da Cadeira nº4 da Academia Brasileira de Letras. Escreveu entre outros vários grandes romances, “O Cortiço”, em 1890, onde encontramos este pequeno trecho, no capítulo 1:

“(...) Travou-se, então, luta renhida e surda entre o português, negociante de fazendas por atacado, e o português negociante de secos e molhados. Romão coloca um cão de fila no seu terreno para guardar o material que amealhava.

Era este o seu ideal. Havia muito que João Romão vivia exclusivamente para essa idéia; sonhava com ela todas as noites; comparecia a todos os leilões de materiais de construção; arrematava madeiramentos já servidos; comprava telha em segunda mão; fazia pechinchas de cal e tijolos; o que era tudo depositado no seu extenso chão vazio, cujo aspecto tomava em breve o caráter estranho de uma enorme barricada, tal era a variedade dos objetos que ali se apinhavam acumulados: tábuas e sarrafos, troncos de árvore, mastros de navio, caibros, restos de carroças, chaminés de barro e de ferro, fogões desmantelados, pilhas e pilhas de tijolos de todos os feitios, barricadas de cimento, montes de areia e terra vermelha, aglomerações de telhas velhas, escadas partidas, depósitos de cal, o diabo enfim; ao que ele, que sabia perfeitamente como essas coisas se furtavam, resguardava, soltando à noite um formidável cão de fila. Este cão era pretexto de eternas resingas com a gente do Miranda, a cujo quintal ninguém de casa podia descer, depois das dez horas da noite, sem correr o risco de ser assaltado pela fera.- É fazer o muro! dizia o João Romão, sacudindo os ombros.- Não faço! replicava o outro. Se ele é questão de capricho eu também tenho capricho! (...)”;

João Francisco Ferry, poeta, jornalista, teatrólogo, nasceu em Valença/PI a 16 de abril de 1895. "E morreu como viveu, carregando ao longo dos 66 anos bem vividos, deixando amizades e, em todas elas, uma revolta imensa contra a morte, que o chamou tão cedo para o convívio sem angústia da eternidade", como exaltou Eulino Martins, no empolgante panegírico que proferiu sobre o seu túmulo. Escreveu *Princípios* (1914), *Os Meus Sonetos* (1916), *Vós a Voz, Avós a Vós* (Conferência Literária - 1920), *Em Busca de Luz* (1922), *Quem Tudo Quer, Tudo Perde* (comédia, 1922). *O Cabeção* (1937), *Chapada do Corisco* (1952). Na poesia "Não Se Pode", temos o pequeno trecho a seguir: **"(...) Soldados de patrulha da cidade, Uma noite entenderam de segui-la. Mas a 'Não se Pode', como um cão de fila, Evitava qualquer intimidade. (...)";**

"Ano-novo", conto publicado na "Antologia de Contos de Autores Contemporâneos - vol.3", por Djalmyr Dias Lima (1938-), professor e pedagogo: **"...Inferno ao contrário. O lugar para tudo. A pasta, o livro, o cigarro, o chinelo, e os olhos de Elisa... Ah! os olhos-cão-de-fila de Elisa: seguindo, farejando, supondo, acuando. Ele-forasteiro, eterno hóspede na casa paga com dinheiro extraído tecnicamente do suor. Suor dele. Da sua luta de todo-o-santo-dia. Papel. O visto. O carimbo. Deferido. Indeferido. Chega!!!..."**

"O Crime do Padre Amaro" de 1875, de Eça de Queiroz, autor nascido em 25 de novembro de 1845 na Póvoa do Varzim, em Portugal. Falecido em 16 de agosto em Paris. **"...O tio Patrício, o Antigo, negociante da Praça, muito liberal e que quando passava pelos padres rosnavava como um velho cão de fila, dizia às vezes ao vê-lo atravessar a Praça, pesado, ruminando a digestão, encostado ao guarda-chuva..."**

Em "Os Maias", outra obra-prima deste mesmo autor, Eça de Queiroz, publicada um pouco depois, em 1888, e considerada uma das mais importantes de toda literatura narrativa portuguesa tem-se essa pequena passagem: **"(...) - Adormeci estupidamente, a ler... Depois, quando entrei pareceu-me ouvir passos na quinta, andei a rebuscar... Era imaginação, tudo deserto. - Precisávamos ter um fila para nos proteger, murmurou ela, espreguiçando-se. Sentada á beira do leito, com os braços caídos e adormentados, sorria da sua preguiça. (...)"**

E mais essa na mesma obra: **"(...) - Onde é? Dize, onde é? exclamava Rosa, com os lindos olhos resplandecentes, e a facesinha cheia de riso. - D'aqui muito longe... Vai-se n'uma carruagem... Vêm-se**

passar os barcos no rio... E entra-se por um grande portão onde ha um enorme cão de fila. Maria Eduarda apareceu, com Niniche ao colo. (...)".

É interessante atentar para o fato da expressão usada, neste caso, em Portugal, levando-se em consideração a existência de outros cães de fila boeiros, como o de São Miguel;

Euclides da Cunha, nasceu em 1866, no interior do Rio de Janeiro, tendo falecido no mesmo estado em 15/08/1909. Ainda que tenha deixado obra pequena, pois teve uma vida atribulada e viveu pouco, foi agraciado pelo destino ao escrever aquele que é considerado por muitos o nosso maior livro, "Os Sertões". O livro escrito em 1902 trata da campanha militar movida pelas tropas do governo contra os seguidores, tidos por jagunços e desordeiros, de Antônio Conselheiro, líder religioso, portador de aparente desequilíbrio mental, comum no interior do Brasil em certas épocas, em Canudos, lugarejo situado no interior do Estado da Bahia. É importante ressaltar que Euclides da Cunha esteve pessoalmente na região de Canudos e em todo o campo de batalha, como correspondente do jornal "O Estado de São Paulo", e que, além do mais, como disse o nosso maior gramático, Napoleão Mendes de Almeida, tinha um poder descritivo "levado ao grau sumo"!

Descrevendo os trâmites finais da guerra, quando a luta ocorria dentro da miserável favela, o extraordinário escritor narra que os soldados, além dos cadáveres putrefatos dos pobres sertanejos fanáticos, encontravam e viam **"...gozos (cães pequenos e vulgares) magríssimos, famélicos lebréus, pelados, esvurmando lepra, farejando e respirando aqueles monturos, numa ânsia de chacais, devorando talvez os próprios donos. Fugiam rápidos. Alguns cães de fila porém, grandes molossos ossudos e ferozes, afastavam-se devagar, em rosnaduras ameaçadoras, adivinhando no visitante o inimigo, o intruso irritante e mau..."**.

Em "Os Sertões", pela personagem do Alferes Wanderley: **"...Que péssima estréia do colosso! Também é tanto açodamento com esse troço! Nevrose doida, ataca toda a brigada. É o maior cão de fila dessa caçada. Fetiche monstruoso, avivas velhas ilusões primitivas. Todos vocês ficam rodeando ofegantes, ansiosos, mal reprimindo seus impulsos, supersticiosos..."**;

Há também citações em outras línguas, outras culturas e realidades que não fazem referência ao Fila daqui, mas usam termo de significado similar. Em "The Missing Three-quarter", sir Arthur Conan Doyle publicou em The Strand Magazine, Londres, 1904, traduzido para o português em "As

Aventuras de Sherlock Holmes”, vol.V, editado pelo Círculo do Livro e com tradução de Álvaro Pinto de Aguiar, escreveu: “(...) **Ele abriu a porta de uma caixa e dali saiu um cão forte, de orelhas caídas.— Permita que o apresente a Pompey — disse ele. — Pompey é o orgulho dos cães de fila, não grande corredor, como seu corpo indica, mas um cão firme, que nunca abandona uma pista. (...)**”

Em “The Merchant of Venice”, de sir William Shakespeare, na voz da personagem Salarino, após tradução análoga à citação anterior: “**...É o cão de fila mais incensível que entre os homens anda...**”;

Afonso Arinos de Melo Franco nasceu em 01/05/1868, em Paracatu, noroeste de Minas Gerais, tendo falecido em Barcelona, Espanha, em 19/02/1916, quando empreendia viagem de volta ao Brasil. Foi também grande escritor, tendo igualmente falecido de forma prematura, sendo que deixou em seus escritos grande apego às coisas do interior do Brasil, especialmente de Minas Gerais. Muito, ou quase tudo, do que descreveu em seus livros foi por ele direta e pessoalmente vivenciado, já que, além de ter nascido e sido criado, fez muitas viagens pelo interior das "Geraes".

Leiamos o que expressou o seu sobrinho, e homônimo, Afonso Arinos de Melo Franco (em "Afonso Arinos", obra completa, volume único, Coleção Centenário, promovida pelo Conselho Federal de Cultura e publicada pelo Instituto Nacional do Livro, 1969): "...Da mesma forma, os termos e expressões ligados às tropas, às pontas de gado, às reses chucras alçadas pelos chapadões se lhe fixaram naturalmente na memória, e foi sem esforço de criação ou recriação que ele depois utilizou esses elementos de estilo nas suas narrativas. Afonso Arinos, ao contrário do que afirmou Lúcia Miguel Pereira, era naturalmente um mineiro do sertão, nunca um civilizado parisiense, evocando, por artifício, o ambiente de que se desprendera. Neste sentido, ele foi o oposto de Guimarães Rosa. Afonso foi um sertanejo que fez literatura. Rosa, um grande escritor que fez sertanismo...." ("O Sertanejo Afonso Arinos" - obra citada). No livro denominado "Os Jagunços", publicado em 1898, com o pseudônimo de Olívio de Barros, segundo a obra acima citada, a história inicia-se com a descrição do "pouso" - lugar de descanso de tropeiros - onde estão dois homens, sendo um deles a personagem central da história, e um Fila.

"...A noite caíra tristemente naquele pouso solitário. Num terreno esconso, que corria em lançante abeirando uma torrente rugidora, descobria-se um rancho levantado em seis grossos esteios de troncos roliços. Nos dois galpões em que se dividia, o telhado inclinava-se do lado do morro até quase morder a terra. Já de muito tempo não

passavam por aí os carreiros, tão esburacada andava a estrada. Sós, os viajantes escoteiros, montando animais bem ferrados e nutridos, podiam vencer aqueles carrascais ingratos. Quem procurasse o rancho, tomando a trilha que, formando ângulo agudo com a estrada, ia ter lá, encontrava nessa hora gente pousada nele. E era preciso chegar com cuidado, porque, deitado, no chão, com as patas estendidas, o focinho levantado e os olhos negos alumando, um Fila rajado vigiava o pouso, rosnando. Luís Pachola abriu o couro; estendeu nele os pelegos e colchonilhos, arrumou o basto à cabeceira, cobriu-se com o ponche e estendeu-se de costas, com os olhos abertos, contando as estrelas daquela noite sem luar. Vivendo, como dizia a cantilena do Sul, 'livre e ao relento, pobre e sem luxo, na asa do vento', crescido no meio do sertão largo, sem amores e sem família, um quê de melancolia se notava na alma do camarada. Mudando de patrões, mudando de lugares, errando pelos descampados como os beduínos no deserto, seus companheiros de sempre e seus amigos eram o cão e o cavalo...";

Calmon Barreto, na obra utilizada "Araticum - Histórias de Calmon Barreto", CBMM - Fundação Djalma Guimarães - Araxá, MG, 1989, na contra-capla observam-se as seguintes notas biográficas: "Calmon Barreto nasceu em Araxá, em 1909, gravador, desenhista, escultor, escritor, pintor e professor, iniciou seus estudos na Casa da Moeda, no Rio de Janeiro, freqüentando também a antiga escola Nacional de Belas Artes, onde aperfeiçoou-se em gravura de medalhas com Augusto Giardet. Desde a mais tenra idade, escreve contos, sendo membro da Academia Araxaense de Letras e, apesar de possuir inúmeros trabalhos literários, é a primeira vez que uma obra sua é editada. Grande incentivador das artes em Araxá, onde foi criada uma fundação Cultural que leva seu nome.". Do conto escolhido, "A Cova de Godêncio", a parte pertinente é a que segue: "...**Venâncio, velho de mais de setenta, acostumado a levantar peso de quatro arrobas, ombreou o corpo até a janela e jogou no curral. Jagunço, mestiço de Fila, caduco, nem latiu, apenas lambeu os miolos que se espalharam no estrume seco...**";

De Antonio Alir Dias Raitani, engenheiro agrônomo em "Certificado de Qualidade para Político", *an.com.br/2002/jun/23/0opi.htm*, A Notícia, periódico de Santa Catarina: "(...) **Não o cachorro comum. O cão de fila, ferrenho defensor do presidente da República e da cúpula administrativa. O fiel escudeiro que rosna para os críticos e morde os que ousam atacar a imagem do governo. (...)**";

Monteiro Lobato, 18/04/1882 a 04/07/1948: "Lobato foi um tipo raro de escritor cuja obra é o reflexo de sua ação prática. Daí o sentido profundamente humano que ela encerra e o profundo interesse que possui para o público em geral." (em "Negrinha", Editora Brasiliense, 14ª edição, 1971). Ilustrando estes comentários transcritos, ressaltado apenas que a obra geral de Monteiro Lobato, especificamente seus livros de contos, "Urupês", "Cidades Mortas", "Negrinha", especialmente o primeiro e o último, têm extraordinárias qualidades, sendo profundamente humanos e filosóficos, estando quiçá no mesmo nível dos melhores contos escritos por Machado de Assis. Leiamos as partes que nos interessam no momento:

"...Uma vez tive ímpetos de estrangular o déspota. Foi o caso dum, vizinho que lhe trouxera um cão de fila para vender.

- É bom? Bem bravio? perguntou o fazendeiro, examinando o animal;

- Uma fera! Para apanhar negro fugido, nada melhor;

- Não compro nabos em saco, disse o capitão. Experimento-lo;

Ergueu os olhos para o terreiro que fulgurava ao sol. Deserto. A escravaria inteira na roça. Mas naquele momento o portão se abriu e um preto velho entrou, cambaio, de jacá ao ombro, rumo ao chiqueiro dos porcos. Era um estropiado do eito que pagava o que comia tratando da criação. O fazendeiro teve uma idéia. Tirou o cão da corrente e atirou-o contra o preto.

- Pega, Vinagre!

O molosso partiu como uma bala e instantes depois ferrava o pobre velho, dando com ele em terra. Estraçalhou-o.

O fazendeiro sorria com entusiasmo.

- É de primeira, disse ao sujeito. Dou-lhe cem mil réis pelo Vinagre;

E como o sujeito, assombrado daqueles processos, lamentasse a desgraça do estraçalhado, o capitão fez cara de espanto.

- Ora bolas!. Um caco de vida..." (em "Os Negros", obra acima citada).

"... Furtá-lo, ninguém o furtou; isso juro, porque a entrada do armazém é uma só e eu sempre fui Cão de fila - mas o fato é que o saco de arroz desapareceu. Não sei explicar o mistério..." (em "Os Pequeninos", obra acima citada);

"(...) É bom lembrar que 'ninguém bate em cachorro morto', o Brasil é hoje um 'cão de fila' perigoso no mercado, que está

abocanhando uma fatia expressiva e tem que segurar esta fatia ‘no dente’. (...)” em palestra proferida pelo ex-ministro da cultura Alysson Paulinelli em Ponta Grossa/PR, reproduzida como entrevista pelo Diário de Campos em setembro de 2004, sobre o agronegócio;

“Oração a São Manso e São Marcos, para livrar de todos os malefícios”. Domínio público: **“(...) Filho, pede o que quiseres, que serás servido e, na casa que eu pousar, se tiver cão de fila, retire-se do caminho que coisa nenhuma se mova contra mim, nem vivos nem mortos, e batendo na porta com a mão esquerda, desejo que imediatamente se abra. (...)”**;

Luiz Gaudino, contista paulistano contemporâneo em “Guerra de Ciganos”: **“(...) Esse Fortunato, Deus me livre!, era do tipo que houve muito por aqui. Um olhava e dizia: carneiro bé. E, de repente, por isso ou por aquilo, o caeneiro bé ficava onça. E foi assim que disse que ficou: onça ferida, o cão de fila onçeiro na cola. São Abílio, que o saiba, não passei procuração para ninguém cuidar de negócio meu! De maneira que o senhor vai até o acampamento, leva esse animal zarolho e desfaz o negócio. Quero meu baio comendo na minha mão! Entendido??? Entendido...”**;

José de Alencar, advogado, jornalista, político, orador, romancista e teatrólogo, nasceu em Mecejana/CE, em 1º de maio de 1829, e faleceu no Rio de Janeiro/RJ, em 12 de dezembro de 1877. É o patrono da Cadeira nº23, por escolha direta do próprio Machado de Assis. Entre suas obras destacam-se alguns romances urbanos como Cinco minutos (1857), A viuvinha (1860), Lucíola (1862), Diva (1864), A pata da gazela (1870), Sonhos d’ouro (1872), Senhora (1875), Encarnação (1893, póstumo); entre romances históricos e/ou indianistas O Guarani (1857), Iracema (1865), As minas de prata (1865), Alfarrábios (1873), Ubirajara (1874), Guerra dos mascates (1873); e finalmente alguns romances regionalistas como O gaúcho (1870), O tronco do ipê (1871), O sertanejo (1875) e Til (1872). E foi neste último que encontrei a seguinte passagem: **“...Berta, de todo absorta no conserto da roupa, parecia ter esquecido a presença do colosso, o qual a contemplava com um enlevo apaixonado., que rompia dentre a expressão abatida de sua figura. Pesaroso por ter ofendido a menina e acanhado com a presença dela, queria falar, e não achava a palavra para desvanecer o enfado, qua havia causado. Brás, que desde a chegada de Miguel se agachara sobre as patas como um cão de fila,**

rosnava surdamente, saltando com o olhar do semblante de Berta ao vulto de Miguel, como se esperasse um gesto da senhora para filar a presa, abocanha-la...”;

Em “Recordações do Escrivão Isaiás Caminha”, Lima Barreto, nascido no Rio de Janeiro a 13 de maio de 1881 e falecido na mesma cidade a 1º de novembro de 1922, filho de um tipógrafo da Imprensa Nacional e de uma professora pública, mestiço de nascença e iniciado nos estudos pela própria mãe, que perdeu aos 7 anos de idade, escreveu: “...**Quando voltei da Western, Pranzini, o gerente, entrava na redação. Chegava com o sobrecenho carregado e os olhos fuzilando indignados. Pranzini era o cão de fila do diretor. O cofre e a economia do jornal estavam-lhe inteiramente entregues...**”;

Em “Os Companheiros”, vol.2, editora Insular, 1997, de Edgar Romero, escritor português, sobre Joaquim Moreira da Silva, poeta lusitano de Soutelo-Vilar, Conselho de Vida do Conde, ao norte do Porto: “...**A Luz brilhante da escola Já nos mostra que os masmorros São truculentos Galfarros Da quadrilha de Loiola O masmorro mais Carola É o que tem manobrado O pulha que tem andado As ordens da Santa Madre É cão de fila de padre Ou um pau manietado (grupo anti-clerical) Grande glória é morrer Por uma causa sagrada Por ti anarquia amada Dou a vida com prazer Estou ansioso por ver Por todo o mundo em geral O povo ser todo igual Nos deveres e nos direitos Quero com estes preceitos A revolução social De cinco e seis de fevereiro Noite estrelada e sem lua O povo saiu prá rua Com caracter justiceiro Percorreu Vilar inteiro Contra a fome a protestar E os sinos a tocar Lá no alto campanário Foi um revolucionário Este povo de Vilar.**” Já no fim da sua caminhada - faleceu a 12 de dezembro de 1960, com 74 anos - sem perder a fé em seus ideais emancipadores dirigiu-se aos seguintes opositores: “**Aos que me fizeram mal Faço esta declaração, Nenhum ódio lhes conservo Dentro do meu coração, Quero até nestas palavras Manifestar meu perdão...**”;

Considero de importância singular este trecho literário que agora transcrevo neste parágrafo. Em “Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho”, livro escrito por Richard Francis Burton, com tradução de David Jardim Júnior, encontrado na biblioteca do senado federal, Brasília/DF, Conselho Editorial, 2001, página 13: “(...) **Chegando a Matozinhos, o celebrado subúrbio, almoçamos com o dr.Lee e a sua simpática esposa são-**

joanense, cuja amabilidade e hospitalidade nos cativaram, apesar do tempo ser tão curto. Passeamos pelo grande quintal, onde a laranja é a mais banal das frutas, e encontramos a espirradeira crescendo com uma exuberância egípcia; uma rosa de pétalas reduzidas e folhas verdes, muito cheirosa. Era a verbena, poderoso sudorífero, usada externa e internamente contra as mordeduras de cobra. Quando partimos, o dr.Lee nos ofereceu um filhote de mastim, respondendo pelo nome de ‘Negra’, de corpo magro mas forte, pêlo malhado de listras e manchas brancas, cabeça grande, ombros quadrados e patas enormes. É da raça chamada em Minas Gerais de Cão de Fila, ou boiadeiro, e vi exemplares que me fizeram lembrar do antigo buldogue inglês puro sangue, não do animal de estimação que atualmente ostenta esse nome. ‘Negra’ quase chegou aos rápidos do São Francisco, antes que eu fosse obrigado a separar-me dela. (...)”

Interessante observar a citação da cor branca nos animais desta localidade, o que só vem a confirmar o conhecimento assumido pelos criadores, e citado em livros sobre a raça. Assim como a associação que um britânico daqueles tempos faz, de lembrança, do fenótipo do Fila com o do remoto buldogue anglo original, o que, juntamente com os Mastifs e sabujos, nos remonta aos elementos formadores da raça, em combinação com a imprescindível seleção natural.

Amadeu de Queiroz, no livro "Maravilhas do Conto Brasileiro", Editora Cultrix, onde se encontra o conto que transcrevo em parte, o antologista informou que, mineiro de Pouso Alegre, Amadeu de Queiroz, 1873-1955, viveu até a idade madura nessa região das Alterosas, Minas Gerais, lendo pouco mas observando muito, e convivendo intimamente com a gente humilde. A "Voz da Terra", admirável sinfonia do campo, é uma pastoral lírica em que a saudade do interior mineiro surge na prosa limpa de Amadeu de Queiroz.

Pelo que se observa em tais comentários, e diante do fato de que Pouso Alegre, tendo sido rota de tropas e boiadas que demandavam São Paulo, fica exatamente na região onde talvez tenha sido mais forte a criação do Fila, fica claro que o escritor procurou narrar fatos que presenciou. Como eu disse anteriormente, o conto em questão, "Isso não acaba bem", tendo sido escrito por volta de 1930, tem um característica rara e, talvez, única: um Fila, rajado, atigrado, por personagem principal!

A parte principal do conto é a seguinte:

"...Zé Vieira não era homem para saber da vida de Vergílio nem da existência das 'Geórgicas', portanto quando se dedicou, com

interesse, ao trabalho do campo, abandonando a vida urbana de vadio e desordeiro, não foi por influência do poeta ou do poema, mas em consequência de ter casado e de herança paterna, que lhe garantiu a posse de enorme fazenda de criar.

Mas a coincidência andava, mais ou menos, em companhia dele, tanto que conheceu e foi amigo de Vergílio Gomes, um bom sujeito que tinha uma filha chamada Georgina - aquela que o mimoseou com o presente de um cachorrinho Fila, raça da Taturana.

Essa cadela, lendária e ferocíssima, com a sua barbela de touro e uns espinhos moles na bochecha lívida, forneceu à vila todos os cães que lhe guardaram os quintais baldios e povoaram as suas noites de ladridos aterradores.

Em consequência, pois, da herança de sopenão e por influência de sua dona, mulher peituda, destemida e malcriada, Zé Vieira dedicou-se, de corpo e alma, às terras e à criação.

Fechou os campos, replantou o gado abandonado e, das extensas e viçosas invernadas roxas, brotou o gado.

O gado garantia aos homens da família o mais que suficiente para todas as suas exigências e ainda para a camisa engomada, as botas de vaqueta e os lombilhos prateados.

Foi por esse tempo que Georgina mimoseou Zé Vieira com o filho da Taturana.

Tal mãe, tal filho. O jovem Cão de fila, logo depois de desmamado, já mostrava o que devia ser de futuro: uma fera rajada, de olhar oblíquo - olhar de porco -, carrancuda, a boca formidável, com o famosos espinhos na bochecha e a barbela de touro.

Sua educação começou com o nome que lhe puseram, Manduruvá, por ameaçadora analogia, ou em homenagem à crueldade dentuça de sua progenitora.

Depois, o convívio da casa de Zé Vieira, ele, a mulher, os filhos, as garruchas, os chifres e o arame farpado, tudo isso completou a sua educação norteadada para as dentadas ferozes e para os latidos roucos e sacudidos que pareciam engasgo de cólera.

Educado e adulto, passou Manduruvá a figurar entre os mais prestantes campeiros da fazenda.

Solto no campo, atizado no enalço duma rês bravia e arisca, afrontava furioso e destemido as violentas marradas e o coice rápido dos marroás. Assim que o novillo impetuoso fugia, numa corrida desabalada pelas invernadas, e os campeiros, a galope, mal podiam chegar-lhe ao enalço do laço, Manduruvá acudia.

Aí se transformava num cão rasteiro fenomenal, arrebatado e veloz, rasgando a macega ondulante, no encalço do garrote assanhado, e na carreira com a rês espavorida, ao lado dela, tal como um cavalo parrelheiro, conseguia passar-lhe adiante.

Estacavam ambos, face a face, e Manduruvá, como se fosse atacar o inimigo a dente, abria a boca formidável, onde alvejava a dentuça, e bramia o seu ladrido soturno que reboava contínuo pelas pastagens silenciosas.

A rês parada, de repente, diante do Fila, baixava a cabeça e investia em cabeçadas às cegas, mas o cão, num salto de lado, evitava os chifres destruidores e continuava a ladrar enfurecido, em frente de sua presa.

Nova investida do touro acossado; a mesma negaça do cão traiçoeiro, e assim, acuando sempre, dava tempo a que o campeiro se aproximasse, e o laço volteando pelo ar numa espiral fugaz, caísse certo sobre os cornos rebeldes.

Depois outro campeiro vinha; mais um laço desenrolava no ar, outra laçada sobre a primeira, e o marroá se imobilizava na imobilidade da invernada, donde o gado fugia espavorido.

Acontecia, às vezes, por desgraça, que um só campeiro alcançava a sua laçada; então o caso se transformava num lance de drama empolgante. O touro, sentindo-se preso, baixava a cabeça, e, retesando os músculos formidáveis do pescoço, partia num galope arrebatado e sem rumo, arrastando campeiro e cavalo, através do campo, aos arrancos, com a brutalidade das feras enfurecidas. Mas, para uma dessas situações que pareciam irremediáveis, havia ainda um recurso: o dente de Manduruvá!

O campeiro, arrastado como um sabugo, no galope do boi, bradava então o incitamento supremo:

Pega, Manduruvá! Pega!

Manduruvá, de pronto, se incorporava ao grupo fantástico de touro, homem e cavalo, arrebatados a lutar na corrida espantosa. Alcançava a rês em fúria, enfrentava-a e, num salto rápido e decisivo, mordida-lhe ferozmente o focinho.

O touro se entregava domado e o Fila, mordendo sempre, com os dentes arreganhados, detinha a sua presa enorme, truculenta, a mugir de dor e de impotência. Vinha então, em seguida, a peia traiçoeira do homem e a captura garantida.

O campeiro, com palmadinhas de reconhecimento, afagava a barbela de Manduruvá que, indiferente ao touro vencido e às vaidades

da vitória, agitava a cauda, prazenteiro, com meio palmo de língua pendurada da boca ameaçadora.

Com os porcos repetia-se a mesma façanha do cão. Menos feroz, é certo, porém, tão eficaz.

Quando um marrão irado não se deixava apanhar e deitava a correr desorientado, pelo mangueiro, Manduruvá alcançava-o na corrida, aparelhava com ele, corpo a corpo, e, como se fosse um alegre divertimento, ferrava-lhe os dentes numa orelha, e estacava. O porco estacava também, a berrar desesperadamente, como um leitão medroso.

Manduruvá, portanto, se fez merecedor de admiração, de muita amizade e foi o êmulo verdadeiro da gente de Zé Vieira.

Detinha a dente, touros e cachacos fugitivos, e a ronco temível os desconhecidos, que se aproximavam..."

por Agenor Gracindo de Oliveira